

PE 001 - ANÁLISE DO PERFIL DOS NASCIDOS VIVOS DE MÃES COM IDADE ATÉ 14 ANOS

Débora Lorenzoni Pires¹, Laíse Pauletti Barp¹, Bruna Lemos Merotto¹, Lais Riegel Brechner¹, Mariana de Moura Antunes¹, Ana Luiza Raupp de Andrade¹, Juliana Couto Ataydes¹, Fernanda Estrella¹, Kananda Aracy Dallabrida¹, Elson Romeu Farias¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

A gravidez na infância e adolescência é um problema de saúde pública com impactos físicos, emocionais e sociais. Associada à vulnerabilidade socioeconômica, falta de educação sexual e barreiras ao acesso a contraceptivos, pode resultar em complicações maternas e neonatais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a gestação precoce aumenta o risco de mortalidade materna e, para o recém-nascido, eleva a chance de anomalias graves, problemas congênitos e traumatismos no parto. Identificar e avaliar o perfil dos recém-nascidos de mães ainda na fase da infância e pré-adolescência, entre 2019 a 2023. Estudo transversal, observacional e descritivo correspondente aos anos de 2019 a 2023. Os dados coletados são referentes ao perfil dos nascidos vivos de mães adolescentes e foram extraídos do DATASUS1. Os aspectos analisados foram local do nascimento, via de parto, peso ao nascer, índice de APGAR, idade gestacional e número de consultas de pré-natal. No estado do Rio Grande do Sul foram registrados 2027 nascimentos, destes 32,3% (645) ocorreram na região metropolitana. Quanto à idade gestacional, 17,2% (348) nasceram prematuros, enquanto 81,3% (1649) nasceram a termo e 1,28% (26) pós-termo. Em relação ao tipo de parto, 55,8% (1131) nasceram via parto vaginal, 42,7% (866) nasceram de parto cesáreo. O número mínimo de sete consultas de pré-natal preconizado pelo Ministério da Saúde foi realizado por 62,9% (1275), em contrapartida 2,6% (52) das gestantes não fizeram acompanhamento especializado. A avaliação do Apgar no 1º minuto mostrou que 1,3% (27) dos recém-nascidos apresentaram um escore entre 0 e 2, sugerindo um estado crítico ao nascer. Quanto ao peso de nascimento, 13,8% (279) apresentaram baixo peso ao nascer. Apenas 2,2% (45) dos bebês nasceram com 4.000 g ou mais. Em 2 casos (0,1%), o peso ao nascer não foi registrado. A análise mostrou maior incidência de casos na região metropolitana, o que sugere grande subnotificação nas outras regiões do estado. A maioria das gestantes realizou as sete consultas recomendadas pelo Ministério da Saúde e o tipo de parto predominante foi o de via vaginal, no entanto, a taxa de partos cesáreos permanece elevada. Em relação aos bebês, a maioria nasceu a termo e poucos apresentaram baixo escore de Apgar e baixo peso ao nascer. Esses resultados destacam que, apesar das possíveis dificuldades de uma gestação precoce, muitos recém-nascidos não apresentaram graves riscos de vida logo ao nascer.

PE 002 - CENÁRIO DA GRAVIDEZ INFANTO-JUVENIL NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE E OS IMPACTOS NA SAÚDE PÚBLICA

Natália Toebe Giudice da Costa¹, Laise Pauletti Barp², Claiane Vitória Teza³, Eduardo Flach Klein⁴

1. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), 3. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 4. Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

A gravidez na adolescência (GNA) é uma questão de saúde pública e um fenômeno multifacetado, envolvendo determinantes sociais, econômicos e culturais. Além disso, é frequentemente considerada de alto risco, especialmente em adolescentes menores de 15 anos. Analisar as condições dos nascimentos resultantes de gestações em mães com idade inferior a 14 anos na região metropolitana de Porto Alegre, considerando fatores perinatais. Estudo transversal de base populacional realizado entre 2019 e 2023. Foram analisadas variáveis como peso ao nascer, realização de pré-natal, índice de APGAR, duração da gestação e tipo de parto em gestantes menores de 14 anos. Os dados foram coletados no Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) do DATASUS. Entre 2019 e 2023, foram registrados 645 nascimentos de gestantes com menos de 14 anos na Região Metropolitana de Porto Alegre, sendo que os municípios de Porto Alegre e Canoas tiveram os maiores números, com 195 e 54 nascimentos, respectivamente. Em relação aos recém-nascidos, observou-se que 57% nasceram com peso entre 3.000 e 3.999 g, 80% apresentaram índice de Apgar entre 8 e 10 no primeiro minuto e 95% no quinto minuto, indicando boas condições neonatais, na maioria dos casos. Quanto ao pré-natal, 19 gestantes não realizaram consultas, enquanto 58% tiveram sete ou mais consultas. Em relação à idade gestacional, 80% das gestações duraram de 37 a 41 semanas, e 18,3% foram pré-termo. Por fim, quanto à via de parto, houve 463 partos vaginais e 182 cesarianas, possivelmente devido a fatores obstétricos e protocolos para gestantes adolescentes. Os dados analisados evidenciam que a gravidez em menores de 14 anos na Região Metropolitana de Porto Alegre representa um desafio para a saúde pública, demandando estratégias de intervenção e acompanhamento, principalmente para a cidade de Porto Alegre, que apresentou maior número de partos. Apesar da maioria dos recém-nascidos apresentarem peso adequado ao nascer e bons índices de Apgar, a ocorrência de prematuridade em 18,3% dos casos e a ausência de pré-natal em algumas gestantes apontam para vulnerabilidades que podem impactar a saúde materno-infantil. Diante desses achados, reforça-se a necessidade de políticas públicas voltadas à prevenção da GNA, uma vez que está associada a maiores chances de desfechos adversos, e ao aprimoramento da assistência pré-natal que garanta suporte integral a essas jovens mães e seus filhos.

PE 003 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PARTOS EM MENINAS DE 10 A 14 ANOS, RIO GRANDE DO SUL, 2014-2023

Juliana Couto Ataydes¹, Taciele Alice Vargas Ferreira¹, Cristina Bernardi¹, Nataly Dal Toé¹, Stéfano de Fries¹, Mariana de Moura Antunes¹, Giulia Werner Moreira¹, Débora Lorenzoni Pires¹, Ana Luiza Raupp de Andrade¹, Elson Romeu Farias¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

A adolescência é acompanhada por transições físicas, psicológicas e sociais. No Brasil, por dia, 1043 adolescentes se tornam mães. Essa realidade evidencia a persistência da gravidez precoce no Brasil, destacando a necessidade de políticas públicas voltadas à educação sexual e ao acesso a métodos contraceptivos. Descrever as características dos partos de nascidos vivos em meninas entre 10 e 14 anos que tiveram parto no estado do Rio Grande do Sul (RS) entre 2014 e 2023, quanto a escolaridade, cor da pele, número de consultas de pré-natal, estado civil da mãe, região e tipo de parto. Estudo transversal com dados obtidos da plataforma pública do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Entre 2014 e 2023, no RS, ocorreram 5.762 partos de nascidos vivos de mães entre 10 e 14 anos, representando 0,4% do total. Houve uma redução 67% de partos, de 938 em 2014 para 314 em 2023, acompanhando a tendência nacional. A maioria dos nascimentos ocorreu na região Metropolitana (45%), seguida pelas macrorregiões Norte (12%), Serra (10%), Sul (9%), Centro-Oeste (9%), Vales (8%) e Missionária (7%). Quanto à escolaridade, 98% das mães adolescentes tinham até o ensino fundamental incompleto, sendo que 63,9% possuíam entre 4 e 7 anos de estudo. Além disso, 41,6% realizaram menos de seis consultas pré-natais, abaixo do recomendado pelo Ministério da Saúde. Referente ao estado civil, 89% das mães eram solteiras e 9,8% viviam em união consensual, enquanto apenas 0,8% eram casadas. Em relação ao tipo de parto, 43,8% foram cesáreas e 56,2% partos normais. A prematuridade atinge 16% dos recém-nascidos, e 13% nasceram com baixo peso, evidenciando maior risco perinatal. Na distribuição étnico-racial, 71,2% das mães eram brancas, 17,4% pardas e 7,8% pretas, com menores percentuais entre indígenas (3,1%) e amarelas (0,1%). O estudo evidenciou a grande redução dos partos em adolescentes de 10 a 14 anos no Rio Grande do Sul, mas também destacou a vulnerabilidade dessas jovens, marcada por baixa escolaridade, realização insuficiente de consulta de pré-natal e maior risco perinatal. A predominância de mães solteiras e desigualdades regionais reforçam a urgência de políticas públicas voltadas à educação sexual, assim como a ampliação de políticas de saúde sexual e suporte social. Estratégias eficazes são fundamentais para prevenir a gestação nesta faixa, tendo em vista a legislação penal de possível estupro de vulnerável, a fim de reduzir seus impactos na saúde.

PE 004 - REBAIXAMENTO DE NÍVEL DE CONSCIÊNCIA EM CRIANÇA APÓS INGESTÃO ACIDENTAL DE CARBAMAZEPINA

Marina Macedo dos Santos¹, Tamara Marielle de Castro¹, Alessandra González Zilli dos Santos¹, Cassiana Konig de Lima¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

A intoxicação medicamentosa accidental em crianças é uma condição preocupante que exige atenção imediata e cuidados médicos. Medicamentos com ação sedativa, como a carbamazepina, podem ser ingeridos accidentalmente e causar alterações no nível de consciência, além de risco de complicações graves. Paciente do sexo feminino, 10 anos, foi admitida com quadro de rebaixamento do nível de consciência após ingestão de carbamazepina. Segundo relato materno, a criança referiu episódios de tontura e realizou automedicação com carbamazepina (20 mg/mL), medicamento que encontrou em casa. No momento da admissão, a paciente apresentava sinais de eversão ocular, movimentos tônico-clônicos, e ainda se comunicava verbalmente, pedindo desculpas à mãe. A tomografia de crânio não revelou alterações significativas. Durante a internação, a criança foi monitorada e submetida a exames laboratoriais, com destaque para a concentração de carbamazepina no sangue (29 mcg/mL). O suporte clínico foi mantido, e a paciente apresentou melhora gradual. Foi também identificada pediculose e tratada adequadamente. Ao final do período de observação, a paciente encontrava-se acordada, comunicativa e em bom estado geral. A ingestão accidental de medicamentos, especialmente em crianças, representa um risco significativo para a saúde. No caso relatado, a ingestão de carbamazepina, um anticonvulsivante com efeito sedativo, causou sintomas graves de intoxicação, como eversão ocular e convulsões. A identificação precoce e a monitorização adequada são essenciais para evitar complicações mais graves, como insuficiência respiratória ou efeitos adversos neurológicos. A vigilância contínua e a realização de exames laboratoriais, incluindo dosagem de medicamentos no sangue, são fundamentais para a avaliação do quadro clínico e o tratamento apropriado. Além disso, é importante destacar a necessidade de medidas preventivas, como o armazenamento adequado de medicamentos fora do alcance das crianças, para evitar esses eventos. **Conclusão:** A intoxicação medicamentosa accidental é uma emergência pediátrica que exige uma abordagem clínica imediata e rigorosa. Além do tratamento específico, é fundamental que os pais e responsáveis estejam atentos ao armazenamento seguro de medicamentos, prevenindo situações de risco para as crianças. A conscientização sobre os perigos do acesso não supervisionado a medicamentos deve ser promovida entre as famílias.

PE 005 - RELAÇÃO ENTRE CONSULTAS DE PRÉ-NATAL E APgar ÓTIMO EM MÃES ADOLESCENTES PRECOCES E TARDIAS NO BRASIL: ESTUDO RETROSPECTIVO E DESCRIPTIVO

Letícia Sarah de Azevedo¹, Bruna Gomes Blaya¹, Laura Zaffari Leal¹, Alexander Sapiro¹

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Introdução: O Escore de Apgar avalia a vitalidade neonatal com cinco critérios. Consultas pré-natais são essenciais para uma gestação saudável, permitindo a detecção precoce de complicações e melhores desfechos. **Objetivo:** Avaliar a relação entre o número de consultas de pré-natal e a obtenção de um Apgar ótimo, conforme critério estabelecido pelo Ministério da Saúde, que considera Apgar ótimo a pontuação entre 7 e 10 no 5º minuto de vida, em recém-nascidos de mães adolescentes no Brasil, comparando adolescência precoce (10-14 anos) e tardia (15-19 anos). **Método:** Foram analisados dados do DataSUS (2018-2023) focados em mães dessa faixa etária. O número de consultas pré-natais foi categorizado em quatro intervalos, e o Apgar no 5º minuto foi avaliado conforme o critério "ótimo". De 89.830 nascidos vivos de mães adolescentes precoces, 92,74% atingiram Apgar ótimo. Das adolescentes precoces, 2,42% não fizeram consultas, 11,24% realizaram 1-3 consultas, 30,02% realizaram 4-6 e 54,31% fizeram 7 ou mais. Para as adolescentes tardias, 94,00% alcançaram Apgar ótimo, com 1,79% sem consultas, 8,63% com 1-3, 27,67% com 4-6 e 61,91% com 7 ou mais. **Resultados:** Os achados reforçam a correlação positiva entre o número de consultas pré-natais e a obtenção de um Apgar ótimo no 5º minuto de vida, evidenciando a relevância desse acompanhamento para melhores desfechos neonatais. As gestantes que realizaram sete ou mais consultas apresentaram os melhores índices, alinhando-se às recomendações do Ministério da Saúde. Entre as adolescentes precoces, observou-se que casos com desfechos favoráveis foram significativos, ressaltando a necessidade de garantir acesso e adesão ao pré-natal para todas as gestantes, mesmo com um número menor de consultas. A diferença entre os grupos pode estar relacionada a fatores não analisados neste estudo, como qualidade do atendimento, comorbidades maternas e condições socioeconômicas que influenciam tanto a regularidade das consultas quanto os resultados perinatais. **Conclusão:** Os resultados reforçam a importância do pré-natal para melhores desfechos neonatais, destacando que maior número de consultas está associado a um Apgar ótimo. Garantir acesso e adesão ao acompanhamento pré-natal é essencial para a saúde materno-infantil, especialmente entre adolescentes.

PE 006 - SAÚDE MENTAL NA ADOLESCÊNCIA: INTERNAÇÕES POR ESQUIZOFRENIA E A URGÊNCIA DO CUIDADO PRECOCE

Lucila Franz Bezerra¹, Juliana Dick Casagrande¹, Caroline Studzinski da Silva¹, Rafaela Dumke¹, Letícia Oliveira de Menezes¹

1. Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

Introdução: A esquizofrenia é um transtorno psiquiátrico grave, frequentemente diagnosticado no final da adolescência e início da vida adulta. A identificação precoce e o manejo adequado são essenciais para minimizar impactos na funcionalidade e qualidade de vida dos pacientes. **Objetivo:** Este estudo tem como objetivo analisar o perfil epidemiológico das internações por esquizofrenia em crianças e adolescentes no Brasil, pelo SUS. **Método:** Estudo ecológico, retrospectivo, utilizando dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Foi feita análise estatística de internações por esquizofrenia (CID-10: F20-F29) entre dezembro de 2019 e dezembro de 2024, visando avaliar frequência e ocorrência das internações por sexo e faixa etária (5-9 anos, 10-14 anos e 15-19 anos). **Resultados:** Foram registradas 22.603 internações no período analisado, sendo a maior parte entre adolescentes de 15 a 19 anos (18.974, 83,9%), seguidos por 10 a 14 anos (3.347, 14,8%) e 5 a 9 anos (282, 1,2%). Quanto à distribuição por sexo, observou-se um predomínio no sexo masculino (13.588 internações, 60,1%) em relação ao feminino (9.015, 39,9%). O número de internações aumentou progressivamente ao longo dos anos, sugerindo maior reconhecimento dos casos ou aumento na incidência da doença. Os achados reforçam que a adolescência é um período crítico para o surgimento da esquizofrenia, o que corrobora com a literatura que aponta a transição para a vida adulta como a fase de maior risco. O impacto desse transtorno pode ser devastador, comprometendo a funcionalidade social e acadêmica, além de aumentar o risco de isolamento e piora do prognóstico. A predominância no sexo masculino está alinhada com estudos que indicam um início mais precoce e formas mais graves da doença nos homens. Além disso, destaca-se a importância do diagnóstico e do início do tratamento precoce, uma vez que intervenções em estágios iniciais da esquizofrenia estão associadas a melhores desfechos clínicos e redução da morbimortalidade. **Conclusões:** Estudos apontam que o tratamento adequado desde os primeiros sintomas pode diminuir a frequência e gravidade das crises, reduzindo a necessidade de hospitalizações. Estratégias como a triagem precoce em escolas, a investigação da história familiar em consultas pediátricas podem facilitar o diagnóstico precoce. Além disso, a ampliação do acesso ao atendimento psiquiátrico infantojuvenil e o suporte psicosocial são fundamentais para reduzir a necessidade de hospitalizações e melhorar o prognóstico dos pacientes.